

O Hibridismo e o processo de colonização da América em *A Terra do Fogo*

The hybridity and America colonization process in Tierra del Fuego

Elenita C. P. Manchope¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise do fenômeno do hibridismo no romance *A Terra do Fogo* (2001), da escritora argentina Sylvia Iparraguirre (1947-). Este romance descreve a história por meio da percepção de John William Guevara, personagem e narrador mestiço, filho de mãe crioula argentina e de pai inglês, que relata a trajetória do iamana, Jemmy Button, personagem principal. Trata-se de uma tentativa de identificar, nessa obra literária, alguns elementos que caracterizam o hibridismo cultural, analisando-os a partir dos referenciais teóricos dos estudos históricos e sociológicos. Dentre os temas de estudo da linguagem literária e das interpretações sociológicas no romance *A Terra do Fogo*, destacam-se a história da colonização da América e o processo de hibridização, pelo qual o romance se constitui. Considerando a necessidade de narrar uma nova versão dessa história, Iparraguirre, em *A Terra do Fogo*, apresenta a dupla face da Patagônia no século XIX. De um lado, a extensão austral da região, ligada ao mapa da nação; de outro, o seu território, desligado do poder político e administrativo da Confederação Argentina, o que possibilitava que o império britânico tomasse posse desse espaço, sendo assim reconhecido como um agente que inaugura a região. A mistura cultural gerada pelo povo nativo e os recém chegados sugere o se entende como cultura híbrida. Nessa direção, as manifestações culturais oriundas dessa mistura são, contemporaneamente, denominadas também híbridas e nelas inclui-se a literatura. A leitura da obra *A Terra do Fogo* possibilitou refletir sobre o processo de colonização, a partir do olhar do subalterno, apresentando, ao mesmo tempo, duas culturas que se entrecruzam, a dos nativos da Patagônia e a dos ingleses, decorrendo desse entrecruzamento uma cultura híbrida.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, história, hibridismo.

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the phenomenon of hybridity in the novel *The Land of Fire*, Sylvia Iparraguirre (2001). This work describes the story through the perception of John William Guevara, character and narrator mestizo son of Argentine Creole mother and English father, which tells the story of a iamana, Jemmy Button, the main character. It is an attempt to identify, in this literary work, some elements that characterize hybridity, analyzing them from the theoretical frameworks of historical and sociological studies. Among the topics of study of literary language and sociological interpretations of the novel *Tierra del Fuego*, we highlight the history of the colonization of America and the hybridization process by which the novel is. Considering the need to tell a new version of this story, Iparraguirre in *Tierra del Fuego*, has the dual face of Patagonia in the nineteenth century. On the one hand, the extension of the southern region, linked to the map of the

¹ Doutoranda da pós-graduação em Letras da Unioeste, na linha de pesquisa Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados. Professora efetiva da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

nation, on the other, its territory, off the political and administrative power of the Argentine Confederation, which enabled the British Empire took possession of that space, thus recognized as a agent that opens the region. The cultural mix generated by the native people and the newcomers suggests is meant as a hybrid culture. In this sense, the cultural manifestations are derived from this mixture, simultaneously, also known as hybrid and them includes the literature. Reading the book *The Land of Fire* allowed to reflect on the process of colonization, from the look of the subaltern, presenting at the same time, two cultures that intersect the natives of Patagonia and the British, happening this intersection a culture hybrid.

KEYWORDS: literature, history, hybridity.

Com o avanço dos estudos de Literatura comparada e da crítica cultural no final da década de 1970 no Brasil, o discurso crítico sobre a literatura ganhou maior dimensão e vigor. Expandiram-se os objetos de análise, antes restritos a linguagem literária e ao funcionamento discursivo, motivando a abertura para a análise dos fatos culturais. Na esteira dessa transformação, este trabalho apresenta uma análise do fenômeno do hibridismo no romance *A Terra do Fogo*, de Sylvia Iparraguirre (2001). Trata-se de uma tentativa de identificar, nessa obra literária, alguns elementos que caracterizam o hibridismo, analisando-os a partir dos referenciais teóricos dos estudos históricos e sociológicos. Dentre os temas de estudo da linguagem literária e das interpretações sociológicas no romance *A Terra do Fogo*, destacam-se a história da colonização da América e o processo de hibridização, pelo qual o romance se constitui. Durante muitos anos a história do “descobrimento” e da colonização da América Latina foi contada pelo viés europeu, como se realmente tivesse acontecido o “descobrimento” da América. De acordo com Walter Mignolo, a América nunca foi um continente que tivesse sido descoberto, pois essa visão configura-se uma invenção

forjada durante el proceso de la historia colonial europea y la consolidación y expansión de las ideas e instituciones occidentales. Los relatos que hablan de <<descubrimiento>> no pertenecían a los habitantes de Anáhuac de Tawantinsuyu sino a los europeos. (MIGNOLO, 2007, p. 28)

Fica evidenciado na declaração de Mignolo que aquilo que os europeus entendem como uma terra encontrada, descoberta, ao referir-se a América Latina, não passa de invenção, pois, nessa ocasião, a América Latina já era habitada por um povo com cultura própria. A concepção do “descobrir” sugere algo que não possui dono e, assim sendo, poderia ser tomado por aquele que chegou, negando os direitos dos verdadeiros donos da terra. Dessa forma, por um longo período, a história dos latino-americanos foi relatada apenas sob o olhar do colonizador.

Considerando a necessidade de narrar uma nova versão dessa história, Iparraguirre, em *A Terra do Fogo*, apresenta a dupla face da Patagônia no século XIX. De um lado, a extensão austral da região, ligada ao mapa da nação; de outro, o seu território, desligado do poder político e administrativo da Confederação Argentina, o que possibilitava que o império britânico tomasse posse desse espaço, sendo assim reconhecido como um agente que inaugura a região. A mistura cultural gerada pelo povo nativo e os recém chegados se entende como cultura híbrida. Nessa direção, as manifestações culturais oriundas dessa mistura são, contemporaneamente, denominadas também híbridas e nelas inclui-se a literatura.

Zilá Bernd, em *Escritas Híbridas*, destaca que a literatura americana tem como horizonte dar voz aos que estão à margem do processo social, aqueles que se encontram nas fronteiras e, normalmente, têm muito que contar. Neste sentido, fazem críticas aos poderes hegemônicos (BERND, 1998, p. 47). Ao reconhecer a voz dos marginalizados está inerente uma crítica aos poderes hegemônicos. Essas vozes refletem-se na obra literária, em análise *A Terra do Fogo*, da autora Sylvia Iparraguirre, tendo em vista que apresenta a colonização, as diferenças culturais, a mestiçagem as raízes sob um novo ponto de vista.

A leitura da obra *A Terra do Fogo* possibilitou refletir sobre o processo de colonização, a partir do olhar do subalterno, apresentando, ao mesmo tempo, duas culturas que se entrecruzam, a dos nativos da Patagônia e a dos ingleses, decorrendo desse entrecruzamento uma cultura híbrida. Coser, afirma que tanto para os brasileiros como para os latino-americanos, o termo híbrido lembra a história da mestiçagem que, por sua vez, pode caracterizar os mitos e os ideais nacionais como também as divisões e as desigualdades. Para a autora, o termo é “carregado de ambiguidade e polêmica e merece ser pensado no amplo contexto de suas manifestações” (COSER, 2005, p. 165). Bernd (1998) destaca que teóricos como Guy Scarpetta, Irlemas Chiampi e Silviano Santiago analisam questões desta natureza e assumem a hibridação como elemento comum nas obras da América.

No início do século XIX, o hibridismo é trabalhado pela biologia para compreender a mistura de espécies que aparecem em estudos eurocêtricos. A princípio, a ciência europeia conceituou o hibridismo como algo negativo, considerando que o cruzamento de diferentes raças e espécies de animais seria danoso, destruidor. Para os elementos híbridos da botânica o hibridismo mostrou-se algo favorável. Porém, durante muitos anos o hibridismo foi duramente criticado (COSER, 2005, p. 165 - 166).

Aos poucos o conceito de hibridismo, desenvolvido pela biologia, foi migrando para outras áreas, como a Linguística, para analisar a mistura entre uma língua europeia e outra língua nativa ou africana, que resultou em uma língua crioula. Trilhando os mesmos caminhos

encontra-se a produção crítica, artística e literária, que resultou das misturas raciais, étnicas e culturais, tem adentrado as portas da academia e a cultura, em geral, gerando muitas polêmicas.

Com isso, a reflexão sobre a ideia de híbrido, de impuro e de transcultural é realizada na atualidade por diversos pensadores e diferentes correntes que, algumas vezes, também se misturam hibridamente, mas mantêm algumas especificidades, além de profundas divergências. O conceito de híbrido aparece repetidamente na crítica pós-colonial, sendo inicialmente utilizado por Homi Bhabha (2001). Para o autor, na obra *O Local da Cultura*, o hibridismo encontra-se presente no interior dos discursos realizados entre colonizador e colonizado. Segundo Bhabha,

o hibridismo é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – regras de reconhecimentos (BHABHA, 2001 p.165).

Destaque-se que o hibridismo também dialoga com a interdisciplinaridade e a transculturalidade nos Estudos Culturais (COSER, 2005, p. 171). Com a explosão dos Estudos Culturais surge a necessidade de ampliar o horizonte de análises e trazer para o interior das universidades os escritos das minorias, vozes silenciadas durante muito tempo e que, agora, podem ser ouvidas e quiçá compreendidas. Nesse sentido, como já comentado, inscreve-se a obra literária *A Terra do Fogo*, pois, é uma narrativa que pretende apresentar uma nova visão sobre a história da Patagônia e, em seu enredo, apresenta essa visão de híbrido, por meio de seu personagem principal Jemmy Button e do narrador John William Guevara. O fato de apresentar uma nova visão da história não significa defender que esta, contrariando a visão hegemônica, seja a única forma de compreender e conceber a realidade. De acordo com Mignolo, em *La idea de America Latina*, “La opción decolonial es una opción, no la única. El problema está en la pregunta, no en la respuesta: la modernidad [...] nos acostumbró a pensar que existe una única manera de ler la realidad (MIGNOLO, 2009, p. 253-254).

Também Stuart Hall (2006), em *Estudos Culturais: dois paradigmas*, alerta que em todo trabalho crítico, feito com responsabilidade e seriedade, inexistem inícios absolutos e quase não existem continuidades inquebrantadas. Para o autor, o importante é conseguir realizar as rupturas necessárias para que possam romper e deslocar velhas tendências e reorganizar novos e velhos elementos em torno de novas premissas e temas.

Tomando-se por base a visão de Mignolo e Hall, ou seja, de que não existe uma única maneira de ler a realidade e, ainda, que é preciso reorganizar novos e velhos elementos em torno de novas premissas e temas, o presente estudo busca refletir sobre a história *A terra do fogo*, no espaço e no tempo em que a Inglaterra justificava as invasões em terras Argentinas pela missão de evangelizar e educar. Contudo, como afirma o narrador de *A Terra do Fogo*, “essa missão parece ter fracassado, pois, de fato, tornou-se apenas um “ato bárbaro de matança” (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 26).

Para pensar a obra em análise faz-se necessário, antes, identificar o que está sendo concebido como elemento híbrido e para isso apresenta-se o *locus* enunciativo da obra, isto é, quem escreve, para quem escreve e quando escreve.

A Terra do Fogo narra a história de Jemmy Button, um nativo da Patagônia, que fora levado para a Inglaterra, em 1829, pelo explorador Robert Fitzroy, para ser civilizado. Esse personagem ao ser retirado de sua cultura, de seu povo, passa por um processo doloroso de adaptação em terras distantes e com hábitos distintos. Deixa seu nome indígena Omoy Lume e passa a ser chamado de Jemmy Button. Não é possível descrever apenas Jemmy Button, é preciso recordar todos os momentos vividos pelo personagem. Desde o Omoy Lume, quando apresenta as belezas de sua terra a Guevara, ao Button na Inglaterra, vestido de cartola, levita e luvas, observa-se o trânsito por diferentes locais, sem, no entanto, conseguir apagar totalmente as marcas de suas verdadeiras origens. Essa condição de não esquecimento da sua cultura primeira e local classifica-o como um sujeito híbrido, vivenciando um processo de estranhamento na cultura que o abriga.

Guevara ficou impressionado com as qualidades de Button e chegou a uma arrasadora constatação: “Button sabia muito mais do que eu de tudo que se apresentava” (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 78). Isto por que estavam em terras iamanas, pois ao cruzar o mar e adentrar as portas de Londres, tudo se inverteria. Guevara passaria a ser uma pessoa importante na vida de Button. Começando pelas vestimentas, tudo era muito estranho para o indígena iamana: “Arranjei-lhe roupa e mostrei-lhe um espelho, que primeiro o assustou e depois se converteu num objeto de consulta permanente” (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 78).

Com a chegada de Button à Inglaterra pode-se observar o choque entre as culturas. Valores e princípios cultivados pelos iamanas não era possível ser mantido por Jemmy Button numa cultura tão diferente. O capitão lhe comprou roupas novas, levava-o para passear. Button fazia muitas perguntas desconcertantes, o que para os brancos era extremamente normal para ele era tudo estranho. A questão do dinheiro, por exemplo. O capitão passou

horas tentando lhe ensinar o sistema de trocas dos brancos e ele rapidamente assimilou o mecanismo da troca. Porém, o poder abstrato do dinheiro não foi tão fácil apreender: “a idéia de sua posse por si mesmo pertencia a um universo de valores imateriais, de influência misteriosa, que Button jamais pôde assimilar” (IPARRAGUIRRE, 2001, p.95-96).

É possível perceber que Sylvia Iparraguirre optou por narrar a história pelo olhar de um sujeito sem Pátria, que tem no próprio nome o resultado de uma mistura: John William, do pai, um inglês e Guevara, da mãe, uma crioula argentina. A obra em tela apresenta outra face da colonização argentina e relata a missão exploradora de Robert Fitzroy. A missão britânica teria como objetivo maior levar nativos para a Inglaterra, “educá-los” para que mais tarde pudessem ajudar os colonizadores em suas missões de conquista e conversão. A missão da marinha inglesa não consegue êxito. Ocorre um massacre dos nativos contra a missão e Jemmy Button passa a ser acusado de ser o líder do massacre de um navio de missionários ingleses. As memórias de John William Guevara revelam algumas afinidades entre ele e Jemmy Button. O narrador rememora o trágico confronto entre os nativos e os conquistadores, muitas vezes esquecido pela história. O narrador, ao ser solicitado pela Inglaterra para contar a história em que ele fez parte da trama, resolve contar a sua própria história, reconstituindo-a. Guevara recebe uma carta da Inglaterra com o seguinte conteúdo:

sendo o senhor uma testemunha privilegiada e direta dos fatos, desejaríamos que fizesse um relatório completo daquela viagem e do posterior destino do desditado indígena que participou, liderando a matança pela qual foi julgado nas lhas (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 15).

Guevara se preocupa com essa tarefa, pois tem dúvida sobre qual indígena apresentar aos leitores desse relato e se indaga:

Qual era a versão exigida do ‘desditado indígena’, daquele homem chamado Jemmy Button, pelos ingleses, mas cujo verdadeiro nome, seu nome iamana, quase ninguém conhecia? O índio de cartola e pombos reluzentes sob a cartola, vestido de levita [...] um Button submisso e sorridente, [...] Ou o selvagem do cabo Horn, nu sob a chuvinha gelada, o corpo fedendo a banha de foca [...] Ou, por fim, o homem avantajado e sereno que voltei a ver anos depois nos bancos dos réus? (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 15 - 16).

Guevara apresenta em seu relato todas as vivências de Button, seja na Patagônia, seja em Londres. A narrativa apresentada por Guevara pode ser caracterizada como um relato

histórico, próximo do que se chamou relato dos viajantes, pois a trama se desenvolve em meio a viagens.

Neyret destaca que

en La tierra del fuego, cuya diégesis abarca entre 1806 y 1865, fecha esta última en la que el narrador escribe su relato. Dicha ubicación en el siglo XIX y su temática la ligam indisolublemente con la literatura de viajeros ingleses y con la tradición asimismo sajona de los relatos marítimos [...] se instaura así una red de filiaciones que Adolfo Prieto ha estudiado detenidamente en los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina, 1820-1850 y que ligam textual e históricamente a la Argentina con Inglaterra [...] (NEYRET, 2010, p. 6-7).

Segundo Bonnici (2011), a maioria dos estudos sobre a América Latina que ocorreram a partir dos anos de 1960 discutiram o problema da dependência e, apesar de suas limitações, possibilitaram o questionamento das concepções eurocêntricas da história e do desenvolvimento capitalista. *A terra do fogo* permite também trazer à tona outros olhares para a história, reforçando a ideia de apresentar outra possibilidade de análise para então ir além do que fora dito até o momento sobre a colonização da região da Patagônia. Esse romance apresenta em seu enredo essa mistura de culturas, Argentina e Inglaterra.

Antes mesmo de iniciar o relato dos fatos, Guevara, ao refletir sobre o ato de narrar, questiona a finalidade da expedição dos ingleses.

Durante muitos anos vivi nos fatos, dentro da história. Agora estou à margem, e posso decifrar os acontecimentos do passado como se decifra uma escrita. Não defendo nenhuma posição; meus compatriotas literalmente dão-me as costas, embarcados numa guerra que não me pertence e que condeno. Ninguém olha para o sul. Neste sentido, sinto-me só e estrangeiro. [...] Quais são os fatos dos quais participei e que o transcurso dos anos torna dignos de ser contado? A expedição do Capitão destinada a reconhecer e fazer o levantamento das costas da Patagônia no ano de 1929. Como o senhor sabe, não era esse seu único objetivo. Há dois modos de ver essa empresa[...] uma, a do progresso civilizador, domínio dos homens que fazem a história. Nesse caso, o fim justifica os meios, já que se trata de levar a luz da ilustração a terras mergulhadas na escuridão. O fim é nobre; em consequência, os meios podem não o ser. Outra interpretação é contrária à suposta filantropia dos homens vindos do leste__ como chamavam os habitantes da Terra do Fogo[...], nesta maneira de ver os fatos, essa suposta razão civilizadora se transforma em outra barbárie[...] O único lema desse comportamento pode ser assim formulado: ‘Tudo que convenha aos fins, sim; o que não convenha aos fins deve ser transformado, reduzido ou eliminado.’ Deve-se ler os *fins* como *nossos* fins. Este foi um dos meus motivos de reflexão. (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 29-30).

Guevara vai mostrar nessa reflexão que não há uma única maneira de contar essa história: “sobre o que me pedem que relate pesa não apenas o que vi e vivi, mas o que li e me contaram” (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 30)

Outra preocupação de Guevara era com relação à língua na qual deveria escrever o relato, a do mestiço ou a dos ingleses. Ele escolhe relatar na sua própria língua para ter a liberdade de contar a sua versão dos fatos. Neste sentido, Guevara imprime na obra uma perspectiva de leitura a partir do olhar da minoria.

Ao se propor relatar a sua história passa a descrever-se e, nessa descrição, é possível observar o hibridismo de sua identidade. O trecho, a seguir, retrata essa condição:

Quem recorda esses fatos e escreve é John William Guevara, um homem de cinquenta e três anos, nascido num ponto da planície do que hoje se chama Confederação Argentina. Numa região primitiva, foi criado longe de quase tudo; fala e escreve duas línguas, e assumiu, sem o saber, uma espécie de dupla identidade. A da mãe: branca nativa, católica, devota; a do pai, inglês, protestante, blasfemo. Pela corrente das línguas foram-lhe dadas involuntárias inclinações: ao elementar e firme, por parte da mãe; ao desenraizamento e à melancolia, por parte do pai; e, em termos de caráter, um solitário que aos dezessete anos deixou para trás a planície e fez-se ao mar (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 36).

Apesar de Guevara narrar a sua história, desde a infância até o momento do julgamento de Button, o enredo apresenta fatos históricos que possibilitam compreender a história da Patagônia diferente da versão oficial elaborada a partir da Inglaterra. De acordo com Neyret, nas últimas décadas do século XIX surge um fenômeno que se denominou de novo romance histórico hispano americano que, entre os conflitos dos paradigmas moderno e pós-moderno, trabalha-se com a ideia da reconstrução da história por meio da ficção (NEYRET, 2010, p. 3).

A partir dessa problemática iniciam-se os questionamentos sobre o *locus* de enunciação, de recepção, sobre o processo de escrita da história, além de operar, também, as hibridizações e deslocamentos em relação à historiografia tradicional e a ficção. Barthes, em *El efecto de realidad*, afirma que tanto a história como a ficção se baseiam em ilusões de referencialidade. Ambas dependem do *locus* enunciativo e de quem as recebem (NEYRET, 2010, p. 3).

A enunciação de Guevara situa-se na localidade de Lobos, no ano de 1865, de onde irá reconstituir os fatos para recontar a história. O próprio narrador alerta para o fato de que este relato é parte da verdade, pois a reconstituição da história se dará a partir de recordações de fatos vividos e que estão marcados na memória.

Guevara, ao refletir sobre as várias possibilidades da escrita desta história e sobre a impossibilidade de ser imparcial no registro dos fatos, atribui responsabilidade disso ao afeto adquirido por Button. Quando afirma ser um relato de memória, portanto passível de interferências subjetivas, Guevara assim narra:

Para ser sincero, antes de continuar, devo dizer uma coisa. Há lembranças vividas, que permanecem perfeitas em minha memória: quase todas de Button, de Isabella e do amigo Mallory: há outras que reconstruo, como estas discussões entre o Capital e o Doutorzinho. Embora não exatas, por algum motivo permaneceram em minha lembrança e lhes empresto palavras para que recuperem parte da verdade que tiveram. Não duvido que cada um que estiveram naquele camarote daria uma versão diferente da minha. Posso dizer em minha defesa que este é meu relato e que se além à única coisa que naturalmente nele manda: minha memória (IPARRAGUIRRE, 2001, p. 147).

Os fatos recordados por Guevara se mesclam com os dados da realidade sobre a história da Patagônia. Ao lembrar que a missão britânica tinha como objetivo levar os iamanas para Londres para “torná-los civilizados” Guevara imprime em sua narrativa alguns questionamentos sobre essa chamada civilização. Compara em alguns momentos, a forma de vida que deixou em sua terra e a vivência que teve na Inglaterra. Questiona se essa é a melhor forma de viver. Se estes cidadãos são mais felizes do que os que vivem na Patagônia.

Percorrendo Londres, surgiram em minha mente os quadros paralelos de duas misérias que pareciam irremediáveis: a de meu país de planícies sem fim, onde nos vemos reduzidos a um estado permanente de pobreza, em parte por nosso desprezo pelo trabalho ‘a pé’, em parte porque a não ser na guerra, não se sabia em que nos empregar, e ade Londres. O amontoamento de uma multidão em casas parecidas a sótãos, negras como covas resumantes de umidade, não era melhor do que o deserto que eu deixara. [...] Londres me mostrava uma miséria que eu não conhecia. Em meu país, eram talvez mais bárbaros e pobres, mas eu me atrevia a pensar que mais felizes. Em Londres eu me lembrava das tormentas que limpavam os pampas e levavam para longe pobreza e pestes. Naqueles bairros, a doença e a miséria haviam estacionado sobre os paralelepípedos. (IPARRAGUIRRE, 2001, p.98-99)

Essas memórias permitem pensar que o narrador, na sua condição de sujeito do mundo, em um entre-lugar, é capaz de olhar para os dois locais, para duas culturas tão distintas e questionar a importância da missão britânica de “educar e evangelizar” os nativos da Patagônia. Uma maneira de expressar a sua história, visualizando ao mesmo tempo as duas formas de vida, isso só é possível para o sujeito híbrido, que tem em sua constituição identitária marcas das duas culturas.

O hibridismo que resulta do romance histórico e do relato memorialístico ambienta-se numa representação literária que vai além da narrativa histórica, imprimindo ao fazer narrativo uma ótica única sobre a história, a qual se rebela da visão do colonizador e dominador.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. (org.). *Escrituras híbridas*. Estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BONNICI, Thomas. Cultura, Pós-Colonialismo e América Latina/Caribe. In: *Revista Línguas & Letras*. Número Especial – XIX CELLIP, 2011.

COSER, Stelamaris. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFJF/EdUFF, 2005.

FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFJF/EdUFF, 2005.

HALL, Stuart. *Estudos Culturais: dois paradigmas*. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Savik. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

MEDEIROS, Ana Vera Raposo de. & MACIEL, Sheila Dias. A configuração das memórias em São Bernardo e Memórias do Cárcere. *Signótica*, v. 19. n° 1, p. 15-31, jan./jun. 2007.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: La herida colonial y La opción decolonial*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

_____. La idea de América Latina (laderecha, laizquierda y laopcióndecolonial. In: *Crítica yEmancipación*, (2): 251-276, primer semestre 2009.

NEYRET, Juan Pablo. *De alguien a nadie. Metáforas de la escritura de la historia em La tierra de lfuego*, de Sylvia Apparaguirre. Artigo publicado na Biblioteca Virtual Universal da Universidad Nacional de Mar del Plata: Editora del cardo, 2010. (p. 1-18).

Data de recebimento: 03/09/2014

Data de aprovação: 20/11/2014